
AS CATÁSTROFES TRANSFORMANDO AS SENSIBILIDADES HUMANAS: I GUERRA MUNDIAL E O COVID-19

DISASTERS TRANSFORMING HUMAN SENSITIVITIES: I WORLD WAR AND COVID-19

Luiz Henrique de Azevedo Borges¹

¹Bacharel em Economia e Doutor em História pela Universidade de Brasília. Professor da Faculdade União de Goyazes (FUG) - Formosa e historiador do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

*Correspondente: luiz.borges@iphan.gov.br

Resumo

Os seres-humanos conviveram durante toda a sua história com surtos mortíferos de doenças, contudo poucas causaram tanta apreensão como a que atualmente se vive, a COVID-19. Se por um lado, o mundo globalizado e interconectado permite que todos tenham conhecimento instantâneo da propagação da doença, por outro, o processo civilizador, conceito cunhado por Nibert Elias, nos distanciou das epidemias e pandemias, como se elas tivessem ficado presas no passado e, com isso, criamos uma nova sensibilidade, um novo processo cognitivo em relação a elas. O artigo busca demonstrar como as grandes catástrofes mundiais alteraram as percepções, as representações que os seres-humanos fazem do mundo que os envolve e nesse sentido três fatos são destacados para a análise: a I Guerra Mundial, a Gripe Espanhola e a COVID-19. Certamente, o mundo que emergirá após a pandemia não será o mesmo, tal qual ocorreu há um século.

Palavras-chave: I Guerra Mundial. COVID-19. Gripe Espanhola. Processo Civilizador.

Abstract

Human beings have endured throughout their history disease outbreaks, but few have caused as much apprehension as they currently live, the COVID-19. If, on the one hand, the globalized and interconnected world allows everyone to have instant knowledge of the spread of the disease, on the other, the civilizing process, the concept coined by Nibert Elias distanced us from epidemics and pandemics, as if they had been trapped in the past, thereby it creates a new sensitivity, a new cognitive process in relation to them. The article seeks to demonstrate how major global catastrophes change perceptions, the representations which human beings make of the world that surrounds them, in this sense three facts are highlighted for analysis: World War I, the Spanish Flu and COVID-19. Certainly, the world that will emerge after the pandemic will not be the same, as it was a century ago.

Keywords: World War I. COVID-19. Spanish Flu. Civilizing Process.

Recebido: Abr 2020 | Aceito: Mai 2020 | Publicado: Jul 2020



Mas muitos ali se detiveram a fitar o céu hirto,
vazio além da serra, sabendo que seus pés tinham
chegado ao fim do mundo¹.

Faz parte do senso comum afirmar que o historiador deve tratar de fatos passados, nomeadamente distanciados no tempo, como uma forma de garantir uma perspectiva mais acurada e objetiva dos acontecimentos. Sem querer discutir os muitos equívocos que tal crença comporta, como a ilusória ideia da objetividade, adentraremos em um espaço da história do tempo presente, ou seja, da história vivenciada, contemporânea ao pesquisador, espaço em que tal profissional pode e deve realizar as suas análises como qualquer outro estudioso. Cabe ressaltar, ainda, que o objetivo do artigo não é propor uma discussão historiográfica sobre a história do tempo presente, abordagem que já tem o peso de uma longa tradição².

Todas as sociedades, em suas diferentes épocas, foram e são marcadas por distintas sensibilidades, formas de ler, entender e interpretar o mundo, fato que influencia tanto a percepção do passado quanto as expectativas futuras, tudo isso embebido no presenteísmo.

Apesar de estarmos ainda em março de 2020, não é preciso muita sabedoria ou capacidade de previsão para afirmar que o referido ano será marcado na história da humanidade pelo aparecimento de um novo coronavírus zoonótico, chamado provisoriamente de 2019-nCoV ou Sar-CoV-2, causador da COVID-19.

Sua história tem início no final de dezembro de 2019 quando foi identificado pela primeira vez na cidade chinesa de Wuhan, província de Hubei, em pessoas que tinham, em comum, terem frequentado um mercado de frutos do mar e de animais vivos daquela cidade. A COVID-19, a exemplo dos outros dois coronavírus que surgiram nas últimas duas décadas (SARS-CoV, MERS-CoV), acarreta doença respiratória que apresenta potencial gravidade para alguns indivíduos, aqueles que compõem os grupos de risco.

Após os relatos das autoridades sanitárias chinesas acerca da doença, dos milhares de casos confirmados e acompanhados também por milhares de mortes, em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o surto como sendo de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional e, no dia 11/03, foi declarada, pela mesma organização, como uma pandemia, ou seja, refere-se ao momento em que a

doença já se encontra espalhada por diversos continentes com transmissão sustentadaⁱ entre as pessoas.

A primeira metade do século XX foi marcada por epidemias e pandemias que deixaram rastros significativos de mortes, como a Gripe Espanhola ou influenza que, em 1918, ceifou a vida de aproximadamente 50 milhões de pessoas. O que significaria para o mundo atual cifras semelhantes, quando já nos mostramos terrivelmente assustados (e cuidadosos) com alguns milhares de mortes?

Cabe aqui fazer uma ressalva em virtude das notícias que se espraiam, em particular, pelas redes sociais. A origem da Gripe Espanhola continua incerta. A China pode ter sido o seu ponto de partida, como ocorre atualmente com a COVID-19, mas não há evidências que comprovem a hipótese.

Ora, como tão bem ressaltou o geógrafo francês Freddy Vinet³, os contextos entre as duas doenças são completamente distintos. A Gripe Espanhola assolou o mundo entre maio e junho de 1918 e se viu ofuscada pela I Guerra Mundial que ainda não havia se encerrado. Com os Estados e, conseqüentemente, suas autoridades, ainda envolvidos no sangrento conflito, eles não foram capazes de avaliar com maior cuidado a doença que ceifou milhões de vidas.ⁱⁱ

Contudo, é muito interessante perceber como a Grande Guerra (1914-1918) e a pandemia que ora assola o mundo possuem um importante ponto em comum: a alteração na sensibilidade ou no modelo cognitivo, ou seja, nos aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos, dentre outros, que formam a compreensão do ser humano em relação ao mundo que o cerca e a sua posterior alteração na forma de atuar sobre este mesmo espaço a partir de uma nova matriz cognitiva ou de sensibilidade.

O sociólogo alemão Nobert Eliasⁱⁱⁱ publicou em 1939 uma das suas principais obras, *O Processo Civilizador*. Nela, Elias parte dos manuais de boas maneiras com o intuito de compreender as mudanças nos comportamentos dos seres humanos. Tais manuais descreviam maneiras de se portar adequadamente, ou seja, tinham como objetivo alterar os modos cotidianos das pessoas como dormir, se portar à mesa, comer, realizar suas funções corporais e sexuais, dentre outros aspectos. Se os manuais prescreviam, por exemplo, que as pessoas não deveriam assoar o nariz nas toalhas das mesas, era porque as pessoas assim procediam.

Nesse caminho, Elias buscou demonstrar que não eram apenas os fatores materiais e intelectuais que passavam por mudanças, elas atingiram também o modo de ser e de agir do indivíduo, criando novas sensibilidades, conseqüentemente novas representações e formas de atuar tanto no cotidiano quanto na forma de entender o mundo. Enfim, o nível de sensibilidades, de constrangimentos e funcionamentos psicológicos não são estáticos, mas estão em contínuo desenvolvimento. Em suma, a obra objetiva identificar as evoluções dos costumes e da sensibilidade.

Elias, por intermédio de sua noção de processo, analisou a alteração do comportamento e dos sentimentos humanos. Se, aparentemente, não se preocupou em analisar as mudanças de comportamentos provenientes de um grande conflito como a I Guerra Mundial ou, certamente, de uma pandemia como a Covid-19, seus conceitos podem ser aplicados para estes contextos, uma vez que eles acarretam novas percepções ou representações do mundo e levam a mudanças no *habitus* de forma consciente e também inconsciente.

Em novembro de 1918 o mundo finalizou uma das maiores guerras que a humanidade já vivenciou. Um conflito completamente contraditório com a ideia de processo civilizador alcançado pela sociedade ocidental. A Europa de finais do século XIX se considerava a referência de progresso. Essa consciência, estreitamente ligada ao espírito positivista, tornava quase impensável e até inaceitável a existência de uma conflagração bélica generalizada entre nações ricas, cultas e, acima de tudo, “civilizadas”. Assim como as pestes, aqui se encontra um ponto de aproximação com a contemporaneidade, acreditava-se que a guerra era própria de tempos antigos ou de países considerados atrasados. Ironicamente, tal sensibilidade se viu abalada pela I Guerra Mundial e em 1918 pela Gripe Espanhola.

A I Guerra Mundial não reverberou apenas militarmente, ela também detonou e pilhou o patrimônio cultural da moral “civilizada”. Os homens viram ruir suas certezas nas trincheiras que ceifaram milhões de soldados, assim como se viram desiludidos e frustrados com os valores que viveram até então. Em outras palavras, uma nova sensibilidade se formou inclusive questionando os progressos da civilização.

O choque da I Guerra Mundial foi tanto maior na medida em que se acreditava que conflitos de tal monta não mais ocorreriam. Como afirmou Eric Hobsbawm⁴:

A humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram. (...) Para os que cresceram antes de 1914, o contraste foi tão impressionante que muitos (...) se recusaram a ver qualquer continuidade com o passado.

Ou seja, o homem ocidental, afastado por muito tempo de conflitos de tal monta, viu as suas sensibilidades ou o seu modelo cognitivo ruir e outro obrigatoriamente foi construído em seu lugar. Como ressaltou John Keegan⁵, a I Guerra Mundial corrompeu o que havia de mais caro, de melhor em sua civilização – seu liberalismo e sua confiança no futuro. Além disso, abriu as portas para os militaristas e para os regimes autoritários e até totalitários que acarretaram, duas décadas depois, a II Guerra Mundial.

Se o mundo não se viu completamente liberto das doenças nos séculos XX e XXI, a tuberculose, o sarampo, o tifo, a AIDS, a Gripe Suína, a Gripe Aviária, dentre outras, que ceifaram muitas vidas nestes dois séculos e ainda hoje atingem sobretudo as populações menos abastadas, uma pandemia como a Covid-19 não é vivenciada em sua virulência desde a Gripe Espanhola de 1918.

A invenção da penicilina^{iv} e a evolução da medicina tornaram mais fáceis novos tratamentos e vacinas e, simultaneamente, nos distanciou deste universo, construindo uma sensibilidade de afastamento e até estranhamento em relação às epidemias ou pandemias. Emmanuel Macron ressaltou em seu discurso que talvez para alguns a epidemia de Covid-19 parecesse uma ideia remota, no entanto, ela se tornou uma realidade imediata.

Ora, é exatamente essa nova sensibilidade, assim como aquela que os homens ocidentais do século XIX formaram em relação aos grandes conflitos, que nos faz ficar mais assustados e até horrorizados com a realidade vivida atualmente. Na medida em que nos distanciamos das doenças, seus efeitos, seus riscos, suas devastações são cada vez mais estranhas dentro do nosso modelo cognitivo.

Assim como a I Guerra Mundial trouxe um novo olhar, uma nova sensibilidade, um novo modelo cognitivo para o ser humano, certamente a Covid-19 terá o mesmo efeito para as sociedades presentes e futuras. A própria gramática utilizada pelo presidente francês, Emmanuel Macron, utiliza-se da linguagem bélica, “enfrentamos uma guerra”, uma “guerra sanitária”. Os médicos brasileiros falam de duas estratégias (palavra com cunho militar) básicas: linha de frente e retaguarda, palavras comumente utilizadas nos conflitos bélicos.

Obviamente as medidas para conter e controlar a pandemia estão sendo tomadas e elas deverão impactar não apenas no presente, com alterações drásticas em nosso cotidiano, o confinamento é um exemplo, como também deixarão marcas e criarão novas práticas culturais em seu sentido mais amplo, para a nossa e para as gerações vindouras, ou seja, uma nova sensibilidade emergirá da experiência vivenciada.

Economicamente, cabe ao Estado – logo as autoridades que o conduzem – se atentar para as grandes crises vivenciadas pela humanidade nos últimos cem anos, nomeadamente a I Guerra Mundial, a Crise de 1929, a Segunda Guerra Mundial e a Crise de 2008 para entender que o retorno do desenvolvimento, do crescimento e do bem estar da população passam, inevitavelmente, pelo papel ativo do Estado, uma vez que sua omissão ao final da I Guerra Mundial acarretou na Crise de 1929 e, em parte, no conflito seguinte. Acreditar que as forças do mercado serão suficientes para superar a gravidade da atual realidade, nos seus mais variados aspectos, é relegar ao esquecimento os ensinamentos de Keynes e das políticas adotadas após a II Guerra Mundial que resultaram em grande prosperidade e bem-estar na segunda metade do século XX.

Outro aspecto que precisaremos nos atentar é para que, a partir da nova sensibilidade criada, não percamos nossa capacidade de nos socializar, de nos encontrarmos, de tratarmos os nossos mais variados assuntos, sejam pessoais ou profissionais, a partir do contato, da proximidade.

Os instrumentos virtuais nos ajudam a reduzir a sensação de solidão proveniente do isolamento ou confinamento, permitem que várias atividades não sejam inteiramente suspensas, minimizam o colapso que ora se vivencia, mas não podemos nos esquecer que somos seres sociais e que, após a tormenta, devemos retomar a trilha que nos aproxima fisicamente dos nossos contemporâneos.

Referências

1. Eksteins M. A sagração da primavera. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- 2 . Dosse F. “História do tempo presente e historiografia”. In: Revista Tempo e Argumento. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/271347397_HISTORIA_DO_TEMPO_PRESENTE_E_HISTORIOGRAFIA/citation/download. Acessado em: 18/03/2020.
3. Vinet F. La grande grippe – 1918: la pire epidemie du siècle. Paris: Edition Vendémiaire, 2018.

4. Hobsbawm E. A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
5. Keegan J. The First World War. New York: Vintage Books, 1999.

Borges LHA. Um século de rivalidades nas crônicas esportivas: albicelestes e canarinhos nas redações dos rivais (1914-2014) [Tese]. Brasília (DF): Universidade de Brasília; 2018.

Elias N. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores; 1993.

Englund P. A beleza e a dor: uma história íntima da Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras; 2014.

Fabiani JN. A fabulosa história do hospital: da Idade Média aos dias de hoje. Porto Alegre: LP&M; 2019.

Ferguson N. O horror da guerra: uma provocativa análise da Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Planeta do Brasil; 2018.

Fitzharris L. Medicina dos horrores: a história de Joseph Lister, o homem que revolucionou o apavorante mundo das cirurgias do século XIX. Rio de Janeiro: Intrínseca; 2019.

Zhu N. et al. “A novel coronavirus from patients with pneumonia in China”. In: The New England Journal of Medicine. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMoa2001017>. Acessado em: 18/03/2020.

ⁱ São casos de transmissão do vírus entre a população – um paciente infectado que não esteve nos países com registro da doença transmite a doença para outra pessoa, que também não viajou. Também é conhecida como transmissão comunitária.

ⁱⁱ A Gripe Espanhola atingiu o Brasil e em 1918 o país iria sediar o Campeonato Sul-Americano de futebol, atual Copa América. Em decorrência da doença a disputa foi adiada para o ano seguinte, 1919, quando o Brasil se sagrou, pela primeira vez, campeão continental (BORGES, 2018).

ⁱⁱⁱ Nobert Elias nasceu em Breslau em 1897 e morreu em Amsterdam em 1990. Além de sociólogo, estudou medicina, filosofia e psicologia nas Universidades de Breslatu e Heidelberg.

^{iv} Medicamento, apesar de descoberto anteriormente, foi desenvolvido com urgência no decorrer da II Guerra Mundial como relatou o médico francês Fabiani (2019).